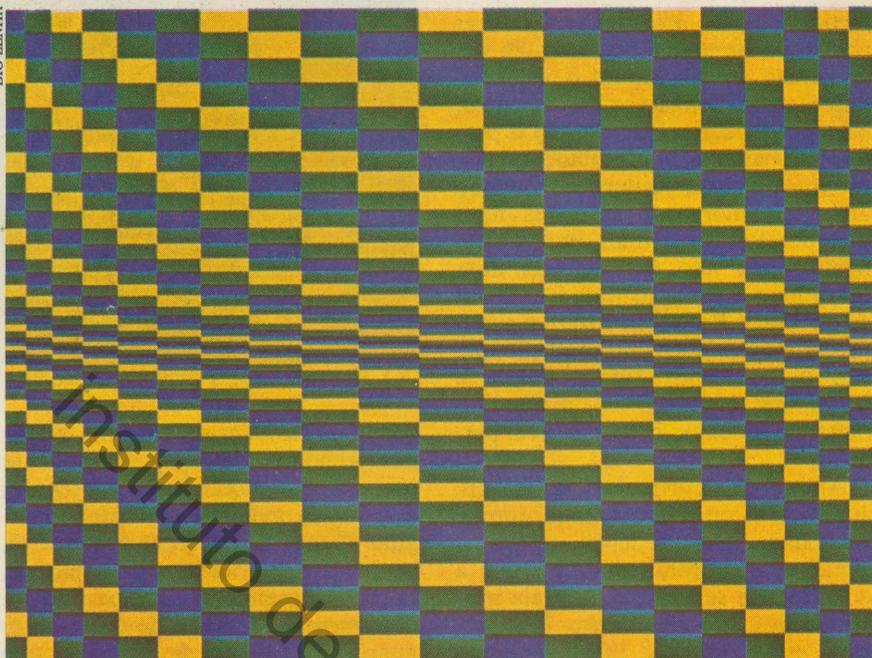


BIO ZENHA



Sacilotto: fidelidade excessiva ao concretismo

## ARTES

### O discreto ranço da ex-vanguarda

LUÍS SACILOTTO

Galeria Cosme Velho, São Paulo

Desta vez a Galeria Cosme Velho de São Paulo escolheu um nome de peso histórico para inaugurar a sua temporada de mostras. Trata-se de Luís Sacilotto. Para se ter idéia da sua importância na pintura brasileira, basta dizer que em 1949, ao lado de Waldemar Cordeiro, tornou-se um dos pioneiros da arte concreta em São Paulo.

Claro que antes disso houve um aprendizado. Nascido em Santo André, São Paulo, em 1924, aos 19 anos ele se formou letrista pelo Instituto Profissional Masculino do Brás. Suas primeiras telas datam de 1942. Até assumir o concretismo, os trabalhos de Sacilotto são da fatura expressionista, mas já apresentam uma tendência geometrizante. Antes da grande ruptura, o cubismo.

Em 1952, assinou o manifesto do grupo Ruptura e participou de uma exposição histórica no Museu de Arte Moderna. Nesse mesmo ano, foi convidado para a Bienal de Veneza. Além de já ter exposto nas principais capitais do mundo, participou, em 1960, da mostra *Konkrete*

*Kunst*, em Zurique, organizada por Max Bill. E o seu currículo vai por aí afora: participou de todas as Bienais de São Paulo e de todos os Salões Paulistas de Arte Moderna das décadas de 50 e 60. Esteve presente nas principais manifestações de vanguarda dos últimos trinta anos.

Só que — e aqui é que entra um porém — o pintor Luís Sacilotto é um purista e cometeu o equívoco de manter-se excessivamente fiel aos princípios do concretismo, tais como tinham sido elaborados na década de 50. É sempre bom lembrar — já que estamos falando de história da arte — que a *optical-art* aproveitou alguns conceitos do concretismo e provocou uma verdadeira reviravolta no seio da chamada arte construtiva. Depois da *op*, Vasarely, com suas serigrafias programadas por um computador, inundou o mercado internacional com obras industriais e exatas. Tudo isso contribuiu muito para um certo arejamento geométrico das artes.

Luís Sacilotto parece ter ignorado esses movimentos para permanecer fiel aos seus princípios concretistas. Como consequência, o que vemos hoje na mostra dessas trinta telas datadas dos últimos cinco anos (com preços entre 150 mil e 300 mil cruzeiros) é uma exposição bonita, inteligente, mas que já começa a apresentar um certo ranço acadêmico. Ou será que virar academia é o destino de toda vanguarda?

Antônio Zago▲